

**TEATRO
NACIONAL
S. JOAO**

MUSIC4L-MENTE



PRÓXIMOS CONCERTOS

21 ABRIL 2022 | MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITÓRIA

22 ABRIL | TEATRO THALIA

QUARTETO COSMOS

OBRAS DE ROBERT SCHUMANN – QUARTETO DE CORDAS N.º 3, OP. 41; MAURICE RAVEL – QUARTETO DE CORDAS

PRELÚDIO CIENTÍFICO GÉNERO E MÚSICA. O SOM PROMETEDOR DE ÁGUAS NOVAS EM VELHOS MOINHOS, MARIA MAJNO (VICE-PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO MARIANI PARA A NEUROLOGIA PEDIÁTRICA, ITÁLIA)

2 JUNHO 2022 | MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITÓRIA

3 JUNHO | TEATRO THALIA

QUARTETO GROPIUS E FILIPE PINTO-RIBEIRO (PIANO)

OBRAS DE FELIX MENDELSSOHN – QUARTETO DE CORDAS N.º 6, OP. 80; FAZIL SAY – QUARTETO DE CORDAS OP. 29, *DIVORCE*; ANTONÍN DVOŘÁK – QUINTETO COM PIANO OP. 81

PRELÚDIO CIENTÍFICO O QUE ACONTECE NO CÉREBRO E NO CORPO QUANDO A MÚSICA NOS SURPREENDE?, STEFAN KÖLSCH (UNIVERSIDADE DE BERGEN, NORUEGA)

Notas ao programa

BERNARDO MARIANO*

Schubert e o quarteto de cordas

Quando Schubert escreve o seu primeiro quarteto de cordas, aos 13 anos, tem já atrás de si o imponente legado deixado por Haydn e por Mozart, outrossim dez quartetos do seu contemporâneo (e concidadão em Viena) Beethoven. Tal *peso* não impedirá que ao longo dos anos seguintes ele escreva um total de 11 quartetos, assim distribuídos (a numeração é de data posterior): n.ºs 1, 2 e 7, entre 1810 e 1812; n.ºs 3-6¹ e n.º 10 em 1813; e n.ºs 8, 9 e 11 em 1814-16.² Ou seja, 3/4 da produção quartetística que deixou foi escrita até aos 19 anos.³

Depois disso, há uma interrupção de quatro anos, até que, no final de 1820, Schubert inicia um novo quarteto do qual só deixará o 1.º andamento (e 41 compassos do 2.º): esse tomara o número 12, ficando conhecido por *Quartettsatz* (i.e., *andamento de quarteto*). Três anos (e alguns meses) passariam antes que Schubert regressasse ao género. É no início de 1824 que se lança ao trabalho, com um projecto ambicioso que há-de relatar em carta endereçada ao amigo Leopold Kupelwieser⁴ (31-3-1824): “Experimentei-me em várias obras instrumentais, pois escrevi dois quartetos [D 804 e 810] e um octeto [D 803], e ainda quero escrever outro quarteto [será o D 887]. Pretendo sobretudo preparar deste modo o caminho para uma grande sinfonia.”⁵ Mas esse entusiasmo criador coexiste nele com sentimentos bem menos positivos, patentes na mesma missiva, quando diz: “Sinto-me a mais infeliz e miserável criatura à face da Terra e todas as noites, quando adormeço, desejo não mais acordar.”

No início do ano precedente (1823), Schubert padecera dos primeiros sintomas de uma doença que hoje tudo leva a crer que fosse sífilis.⁶ O seu oscilante estado de saúde nesse ano prolongou-se pelo início de 1824. A nível criativo, 1823 fora o ano da composição do ciclo *A Bela Moleira* (editado logo em 1824), bem como da ópera *Fierrabras*, cuja produção viria a ser cancelada. Desse ano data também a música de cena para *Rosamunde, Princesa de Chipre* (peça de Helmina von Chézy).

É por essa altura – início de 1824 – que começa a correr por Viena a notícia de que Beethoven concluíra uma nova sinfonia, a sua primeira em quase 12 anos, e que era uma obra diferente de tudo quanto se ouvira até então: tratava-se, claro, da *Nona Sinfonia*, que estreia em Viena a 7 de Maio de 1824, com Schubert na plateia.

O que Schubert não poderia saber era que Beethoven também tinha retomado um género que há muito interrompera: o quarteto de cordas.⁷ Desde final de 1823, começara a esboçar o que viria a ser o seu op. 127, o primeiro da formidável série de *quartetos tardios*.⁸ Este ressurgimento de Beethoven na cena musical vienense, após um “eclipse” relativamente longo – numa Viena inebriada pelas óperas

de Rossini –, bem como o facto de se fazer pela reafirmação de géneros consagrados da música instrumental (a sinfonia, o quarteto de cordas, também a sonata para piano, e englobando a missa coral-sinfónica⁹), terá com certeza influenciado a decisão de Schubert de se afirmar também ele através dos grandes géneros da música instrumental – ele que já nesta altura receava ficar reduzido, na óptica do público, ao estatuto de compositor de canções (os *Lieder*). Trata-se pois, aqui, da conjugação, motivada ou não pela intuição de que não viverá muitos mais anos, de vários fenómenos: a vontade de se afirmar em Viena como compositor *de corpo inteiro*, a convicção nas suas capacidades criadoras para o conseguir e a presença/sombra de Beethoven.

Quarteto em lá menor, *Rosamunde*

O quarteto D 804 foi escrito rapidamente e estreado logo a 14 de Março de 1824, pelo Quarteto de Ignaz Schuppanzigh.¹⁰ A edição deu-se no Setembro seguinte, com dedicatória a Schuppanzigh. Foi o único quarteto de Schubert estreado por músicos profissionais e editado em vida sua. Ele toma o nome de *Rosamunde* por usar no 2.º andamento o n.º 5 (Entreacto III) da música de cena para a peça desse nome (v. acima). Outra citação ocorre no 3.º andamento, onde Schubert foi buscar um fragmento do seu *Lied*, *Os Deuses da Grécia* (sobre poema de Schiller), no qual se canta: “Mundo belo, onde estás tu?” Impressiona nesta obra a unidade de clima anímico e de atmosfera psicológica (a *Stimmung* dos alemães), que lhe é conferida pelo lá menor e pelo perfil da melodia e padrões de acompanhamento do tema principal do 1.º andamento.

Quarteto em ré menor, *A Morte e a Donzela*

Sorte bem diferente teve o D 810: não foi estreado publicamente, nem editado em vida do compositor. Teve pelo menos duas execuções privadas em 1826, em vista das quais Schubert terá feito revisões na partitura, podendo o 1.º andamento ter estreado no concerto de 26 de Março de 1828, no Musikverein de Viena.¹¹ Seria editado só em Fevereiro de 1831, em Viena, a primeira execução pública integral ocorrendo em Berlim, a 12 de Março de 1833 (em Viena, só em Dezembro de 1849!). Mas depois disso, depressa ganhou popularidade, tornando-se o quarteto mais famoso de Schubert e um dos mais frequentados de todo o repertório.

O nome *A Morte e a Donzela* deve-o ao facto de o 2.º andamento usar vários fragmentos do *Lied* desse nome (D 531, de 1817) como base para variações. Mas o peculiar deste quarteto é que o espírito desse *Lied* (que se desenrola na forma de um diálogo) impregna

toda a atmosfera da obra e o carácter dos temas, tornando-o uma espécie de drama instrumental em quatro partes, todas elas em ré menor (que é também a tonalidade do *Lied*).

Mas não é essa a única citação: também se ouve uma passagem do *Fierrabras* (v. acima) no final do 1.º andamento, e outra do famoso *Erkönig (Rei dos Elfos)*, canção que também lida com a morte (aí, de um rapazinho), no último andamento.

A atestar como modernamente permanece intocada a sua aura, citam-no obras como o Quarteto *Black Angels* (1970), de George Crumb; o Quarteto n.º 2 (1982-83), de Morton Feldman; e o Quarteto *A Donzela e a Morte* (1996), de Siegfried Matthus.

Um breve aparte sobre o terceiro quarteto (n.º 15, em sol maior, D 887): terá sido esboçado em 1824, para só ser concluído em Junho de 1826. O 1.º andamento terá estreado no concerto de 26 de Março de 1828 (v. acima). A primeira execução integral ocorreu em 1850, em Viena, sendo editado no ano seguinte.

- 1 O n.º 5 tem apenas dois andamentos, todos os outros têm quatro.
- 2 De 1814 igualmente, um andamento isolado, com o número de catálogo D 103.
- 3 Este período (1810-16) é marcado pela sua estada no Wiener Stadtkonvikt, o colégio interno católico onde se formavam os moços cantores da Capela Imperial (de Novembro de 1808 até Outubro/Novembro de 1813) e pelas lições de composição recebidas de Antonio Salieri (entre 1812 e 1816).
- 4 Pintor frequentador das Schubertiadas – tal como o seu irmão Joseph –, mas nesse momento em estágio artístico em Roma.
- 5 Será a Sinfonia em dó maior, D 944, comumente designada como n.º 9 e a *Grande*, que deverá datar, no essencial, de 1825-26.
- 6 Doença que na altura era uma sentença de morte a prazo e que tinha a demência como frequente sintomatologia associada na fase final.
- 7 O último datava de 1810-11.
- 8 De que fazem parte esse op. 127, mais os opp. 130, 131, 132 e 135, e a *Grande Fuga*, op. 133.
- 9 Aqui, a *Missá Solemnis*, op. 123, que teve estreia parcial no mesmo concerto em que estreou a *Nona Sinfonia*.
- 10 Ignaz Schuppanzigh, violinista (1776-1830), criou em 1804 o primeiro quarteto de cordas estável da história da música: o Quarteto Schuppanzigh. Ficou ligado a vários quartetos de Beethoven, mormente os três Quartetos op. 59 e os últimos.
- 11 Esse foi o único concerto público com obras suas que Schubert teve em vida. O programa fala apenas de “1.º andamento de um novo quarteto de cordas”. Sendo quer o D 810, quer o D 887 inéditos nessa data, poderá ter sido o andamento inicial de qualquer deles.

* Musicólogo.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.



Quarteto Hermès

Em referência ao célebre mensageiro da mitologia grega, o Quarteto Hermès retira a sua força musical do seu papel de mediador entre o texto do compositor e a sensibilidade do público. Uma identidade que os músicos estabelecem também através das suas viagens pelos quatro cantos do mundo. O Carnegie Hall de Nova Iorque, a Cidade Proibida de Pequim ou o Wigmore Hall de Londres são algumas das salas que mais os marcaram. O quarteto tem também participado nos grandes festivais internacionais, tais como o Folles Journées de Nantes e Tóquio, o Festival Radio-France de Montpellier, o Festival de Pâques e o Août Musical de Deauville, o Festival de la Roque d'Anthéron, o Festspiele Mecklenburg-Vorpommern, o Mantova Chamber Music Festival, o Printemps Musical des Alizés em Marrocos, o WonderfeelFestival, entre outros.

O grupo nasceu em 2008 entre as paredes do Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Lyon, onde os seus membros tiveram a oportunidade de estudar sob a orientação dos músicos do Quarteto Ravel. Cruzaram-se de seguida com diversos grupos e personalidades musicais marcantes, como o Quarteto Ysaÿe, o Quarteto Artemis, Eberhard Feltz e, posteriormente, Alfred Brendel, uma imensa fonte de inspiração e com o qual continuam a trabalhar com regularidade. Aberto a todos os repertórios, o Quarteto Hermès

é frequentemente convidado a partilhar o palco com músicos eméritos como Yo-Yo Ma, Nicholas Angelich, Gregor Sigl, Pavel Kolesnikov, Kim Kashkashian, Anne Gastinel, ou ainda os Quartetos Ébène e Auryn.

Agraciado com numerosos primeiros prémios – entre os quais podemos destacar o do Concurso Internacional de Genebra, ou o do Young Concert Artists Auditions de Nova Iorque –, é ainda apoiado pela Fondation Banque Populaire. Entre 2012 e 2016, foi o quarteto residente da Chapelle Musicale Reine Élisabeth, em Bruxelas, e é, desde 2019, o quarteto associado da Fondation Singer-Polignac, de Paris.

A sua colaboração próxima e privilegiada com a editora discográfica francesa La Dolce Volta resultou na gravação integral dos quartetos de Schumann, bem como num álbum dedicado a Ravel, Debussy e Dutilleux, trabalhos que foram objeto de numerosos elogios por parte da imprensa especializada. A sua gravação do quinteto de Brahms, em colaboração com o pianista Geoffroy Couteau, valeu-lhes a distinção Choc de l'Année 2019 da revista *Classica*. O seu disco mais recente, de 2021, é dedicado aos quartetos *Rosamunde* e *Der Tod und das Mädchen*, de Franz Schubert.

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITÓRIA (PORTO)
24 FEVEREIRO 2022 | QUI 19:00

TEATRO THALIA (LISBOA)
25 FEVEREIRO 2022 | SEX 21:00

MUSIC4L-MENTE

CICLO DE CONCERTOS COM PRELÚDIOS CIENTÍFICOS

QUARTETO HERMÈS
OMER BOUCHEZ (VIOLINO)
ELISE LIU (VIOLINO)
LOU YUNG-HSIN CHANG (VIOLA)
YAN LEVIONNOIS (VIOLONCELO)

PROGRAMA

OBRAS DE

FRANZ SCHUBERT (1797-1828)

— **QUARTETO DE CORDAS**

D 804, ROSAMUNDE

I. ALLEGRO MA NON TROPPO

II. ANDANTE

III. MENUETTO – ALLEGRETTO – TRIO

IV. ALLEGRO MODERATO

— **QUARTETO DE CORDAS**

D 810, DER TOD UND DAS MÄDCHEN

(A MORTE E A DONZELA)

I. ALLEGRO

II. ANDANTE CON MOTO

III. SCHERZO: ALLEGRO MOLTO

IV. PRESTO

PRELÚDIO CIENTÍFICO

EMOÇÕES INSPIRADAS PELA MÚSICA:

CINÉTICA E DINÂMICA CEREBRAL

NUNO SOUSA (UNIVERSIDADE DO MINHO)

CURADORIA

FILIPE PINTO-RIBEIRO

COMISSÃO CIENTÍFICA

ANTÓNIO DAMÁSIO

BARBARA TILLMANN

HANNA DAMÁSIO

MARIA MAJNO

NUNO SOUSA

STEFAN KÖLSCH

COORGANIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA,

TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR,

DSCH – ASSOCIAÇÃO MUSICAL,

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

APOIO

BIAL

DUR. APROX.

1:40

M/6 ANOS

OTNSJ É MEMBRO

APOIO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO



Prelúdio científico

Emoções inspiradas pela música: cinética e dinâmica cerebral

A resposta cerebral desencadeada pela música é fascinante e extremamente reveladora do modo como o nosso cérebro processa os estímulos e gera emoções e humores. O conhecimento destes correlatos e dinâmicas cerebrais proporciona uma oportunidade única de modulação da atividade do cérebro, na saúde bem como na doença.

NUNO SOUSA

Professor Catedrático na Escola de Medicina da Universidade do Minho, de que é o atual presidente. Professor visitante na Upstate Medical University, em Nova Iorque. Médico, neurorradiologista. Diretor do Centro Clínico Académico-Braga (2CA-Braga) no Hospital de Braga e do Centro de Medicina Digital P5. É investigador no domínio das neurociências no Instituto de Ciências da Vida e da Saúde (ICVS) da Universidade do Minho. Publicou mais de 450 artigos em revistas internacionais. Supervisionou dezenas de alunos de Doutoramento e Mestrado. Nos últimos cinco anos, coordenou diversos projetos de investigação. Recebeu vários prémios pelas suas atividades de investigação e prestação de cuidados de saúde, incluindo o Prémio Janssen Neurociências e a Medalha de Ouro do Ministério da Saúde em 2011. É membro de várias comissões de saúde e de investigação nacionais e internacionais. Editor-chefe da revista *Frontiers in Behavioral Neuroscience*. Membro do conselho editorial das seguintes revistas: *Molecular Neurodegeneration*, *Neurobiology of Stress* e *Neuropharmacology*. Foi, entre 2011-15, presidente da Sociedade Portuguesa de Neurociências e, entre 2014-16, presidente do Conselho Científico das Ciências da Vida e da Saúde da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É membro do Conselho Executivo da Fundação Bial.

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA MÓNICA ROCHA | DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA | ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA | DIREÇÃO DE CENA PEDRO GUIMARÃES, ANA FERNANDES, CÁTIA ESTEVES
LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES | MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOEL SANTOS, JORGÉ SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA | SOM ANTÓNIO BICA, JOÃO OLIVEIRA, JOEL AZEVEDO

APOIOS

TEATRO
THALIA



Secretaria-Geral da Educação e Ciência



AGRADECIMENTOS

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

EDIÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDIÇÕES DO TNSJ
COORDENAÇÃO FÁTIMA CASTRO SILVA
FOTOGRAFIA LYODOH KANEKO (QUARTETO HERMÉS),
PAULO JORGE MAGALHÃES (NUNO SOUSA)
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO
IMPRESSÃO EMPRESA DIÁRIO DO PORTO, LDA.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante os concertos. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.